

A BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA E AS CORRENTES FILOSÓFICAS GRECO-JUDAICAS E CRISTÃS

JOÃO RIBEIRO JUNIOR

O macedônico Alexandre, o Grande, (336-323) tinha em mente fazer de seu imenso império uma unidade com interesses comuns, não só econômicos, como culturais. E a cultura só podia ser a grega, dado o alto nível espiritual da Grécia. Mas, se a Grécia, com seu imenso potencial de cultura, propagava a civilização, os costumes e a arte pelo Oriente, assimilava, por sua vez, as idéias orientais nos campos da religião, da filosofia e da arte, e substituía a sua organização para realizar esta simbiose cultural entre dois mundos de culturas diferentes. Esta nova forma de cultura passou a ser conhecida com o nome de *Helenismo*. E assim, os três séculos subseqüentes da vitória de Alexandre sobre a Ásia passaram à História com o nome de *Era helenística*.

Foi uma época de esplendor. Na arquitetura se nota um novo sentido da organização do espaço e o gosto pelo gigantesco. Associou-se à coluna dórica, de capitel simples, e à coluna jônica, de volutas, a coluna coríntia, de capitel com folhas de acanto estilizadas. O maior templo desta época é o de Apolo de Dídimo, ao sul de Mileto, na Ásia Menor. Destacam-se, também, a cidade de Pérgamo (hoje, Bergama, a uns cem quilômetros de Ismir), descoberta em 1864, pelo engenheiro alemão Karl Humann (1839-1896). De acordo com Ampélo, escritor romano do século II, o grande altar de Pérgamo era a oitava maravilha do mundo. Na pintura brilha Apeles, que retratou Alexandre; e no teatro, Menandro, de Atenas, que irá influenciar os romanos Plauto e Terêncio. Mais tarde, na História, irá aparecer Plutarco, cujas **Vidas Paralelas** (Vidas dos Homens Ilustres) de militares e estadistas gregos e romanos são o produto mais célebre do gênero biográfico.

Essa herança cultural pode ser avaliada pela famosa *Biblioteca de Alexandria*, cidade estabelecida por Alexandre, a oeste do delta, no istmo entre o mar e o lago Marcótis, perto do Nilo, onde se construiu um farol com 180m de altura.

Além da Biblioteca, havia ainda o *Museu*, rico de recursos científicos, observatórios, jardins botânicos, zoológicos, anfiteatros para anatomia, etc.

A Biblioteca parece ter sido fundada por Ptolomeu I, no bairro Brucchium, em Alexandria, por volta de 287 a.C. A Alexandria, nessa época, dividia-se em dois bairros: o elegante Brucchium, e o pobre Rhagotis. Segundo o historiador hebreu Flávio Josefo, o verdadeiro fundador e conservador da Biblioteca foi Demétrio de Falére, que recolheu todos os livros existentes no mundo então conhecido. O número de volumes teria atingido os 200.000 aproximadamente. Esta coleção foi aumentada pelos faraós seguintes, como Ptolomeu Evergeta, que concebera um meio prático de a enriquecer: mandava reter todos os livros que chegavam ao Egito, encomendava uma cópia destes, que entregava aos proprietários, conservando os originais. Desta forma adquiriu os manuscritos originais de Sófocles, Ésquilo e Eurípedes. Acumularam-se, assim, pergaminhos, papiros, gravuras e livros impressos (É sabido que os chineses, por volta de 137 a.C. já imprimiam seus livros, o que só foi conseguido no Ocidente em 1455, por Gutenberg).

Ao que se sabe, havia na Biblioteca toda essa parte que nos falta da literatura e da filosofia gregas, o conjunto das obras do historiador babilônico Berosse, muito citado pelos autores mais antigos, a obra completa de Maneton, sacerdote egípcio que, segundo a lenda, teria escrito o Livro de Toth (Hermes Trismegisto); as obras do historiador fenício Mochus, ao qual se atribui a invenção da teoria atômica; as Histórias Fenícias, de Sancumaton de Tiro (muito citado pelos antigos historiadores); livros de magia, de alquimia e a respeito de civilizações, que precederam o Egito conhecido. Em suma, praticamente possuía todas as obras clássicas da Alta Antiguidade, que se conservadas, veriam revelar muitos segredos e preencher as lacunas existentes em nossa História.

Sabe-se que foi na Biblioteca de Alexandria, durante o reinado de Ptolomeu Filadelfo, entre 285 e 274 a.C., que se iniciou a tradução da Bíblia para o grego, trabalho realizado por setenta sábios, e que passou

a História como a **Septuaginta** ou a **Versão dos 70**. (Não se tem certeza se de fato tal versão foi realizada pelos setenta sábios, pois há muita lenda a respeito. Uma delas diz que teria sido vertida por setenta e dois sábios, homens de idade madura, sendo seis sábios por tribo, entre as doze tribos de Israel. Ora, na época já não existia mais as doze tribos em território palestinese, para que tomassem seis pessoas de cada tribo. A dispersão das tribos havia se dado 500 anos antes, e ninguém até hoje sabe onde elas se localizaram após ter deixado a Terra Santa).

Foi Júlio César quem iniciou a destruição dessa Biblioteca que, ao que parece, nada teve a ver com ela. Na realidade ele projetava enviar parte da Biblioteca para Roma, mas um incêndio devorou os livros que tinham sido, provisoriamente, guardados em depósitos do cais do porto de Alexandria; mas não foram os romanos que lhe atearam fogo. Com isso mais de 50.000 manuscritos foram destruídos. Outro ataque parece ter sido feito pela imperatriz Zenóbia. Em 285 a.C., o imperador Diocleciano realizou a ofensiva seguinte, queimando os livros egípcios a fim de impedir que a nação egípcia se reconstituísse. Em 390, o patriarca de Alexandria, Teófilo, que o historiador inglês Edward Gibbon descreve “como o inimigo perpétuo da paz e da virtude, sempre ávido de ouro e sedento de sangue”, destruiu milhares de manuscritos. Em 415, outro patriarca, Cirilo, tentando erradicar a influência da cultura pagã, inicia novo expurgo em nome da Igreja Cristã. Nessa época é assassinada pelos paroquianos fanáticos de Cirilo, a astrônoma, matemática, física e líder da escola neo-platônica de filosofia, Hipácia, uma das últimas grandes cientistas da Antiguidade.

O último golpe foi desferido pelos árabes em 646 a.C. Segundo o médico e historiador árabe Abd Al-Lafit, e o cristão da seita dos Jacobitas, o bispo de Alepo, Abulfaradge, a Biblioteca foi queimada, apesar dos protestos do gramático João, por Amr Ibn El-As com a autorização do Califa Omar, que teria dado as seguintes instruções: “Quanto aos livros, se o que eles contêm está de acordo com o **Corão**, este torna-os inúteis. Se, pelo contrário, o seu conteúdo é oposto ao Livro de Alá, não precisamos deles”. Assim, os livros foram levados para as casas de banhos para servirem de combustíveis. Segundo os historiadores, demoraram seis meses a consumir-se!

Em 1692 foi nomeado para o Cairo um cônsul francês erudito, M. de Maillet. Este senhor procurou, por todos os meios, descobrir livros

que poderia ter sobrevivido ao incêndio de 646, entre as ruínas das construções da famosa Biblioteca, mas nada encontrou. Próximo do local, contudo, encontrou uma esfinge sem cabeça, esculpida na época do faraó Horemhed, da 18ª dinastia, o que é muito significativo...

Alexandria é a única *polis* do Egito, que se administra por si própria, através de duas assembléias: o *Bule* (suprimido depois da morte de Alexandre) e a *Ekklésia*. O magistrado mais importante é o *Ginasiarca*, representante dos cidadãos e defensor das liberdades públicas. Ponto de divergência da cultura helenística, ela é o berço da sintetização filosófico-religiosa, que irá influenciar o cristianismo nascente.

Em Alexandria desenvolveram-se o *Estoicismo* (do grego *stós*, pórtico), de Zenão de Citium (Chipre) e o *Epicurismo*, de Epicuro de Samos. O Estoicismo não distingue a matéria do espírito. Há variedade de matérias, sendo a mais tênue o fogo. As matérias vão ao Fogo Celeste e até a Providência (o Destino). A alma deriva daí e volta depois à fonte primitiva. Como se vê, há algo de panteísmo, de materialismo e de idealismo. A isto se reduz a filosofia estoíca. Em Roma, o caráter moral da doutrina, que podemos chamar “de paciência,” fez muitos adeptos, e com Marco Aurélio, sentou-se no trono do Império. O Epicurismo é uma doutrina que se formou no espírito de seu autor a custa do pensamento de Demócrito e Aristipo, com subsídios de Platão, Aristóteles e Pirro. De Demócrito aceitou o atomismo, mas explica intuitivamente a origem do mundo e das coisas por combinação e movimento dos átomos. A própria alma é formada de átomos sutis. Não admite as causas finais de Aristóteles; para o Epicurismo só há causas eficientes. Na vida parece predominar a dor. O ideal é evitá-la para que a soma de prazeres predomine. Neste caso, procura-se o prazer. Mas, o prazer que Epicuro aconselha não é o prazer vulgar que traz sempre como conseqüência a dor, senão aquele que nos dá a satisfação do bem estar.

Desenvolvem ainda, o *Ceticismo* (do grego *sképis*, indagação), de Pirro de Elis, e suas várias escolas, que achava impossível qualquer conhecimento; o *Ecletismo* do grego *ek-légo*, escolher), de Antíoco de Alexandria; as *Escolas Judaicas*, orientadas por Filon, o Judeu, cuja doutrina gira em torno do *Logos* e da *Alegoria*. (O *Logos* é a palavra divina, criadora do mundo; e a *Alegoria* explica, à moda grega, todos os episódios bíblicos incompreensíveis aos gregos); as *Escolas Gnósticas*

(*Gnosticismo*), onde ensinavam Basilides e Carpócrates a doutrina segundo a qual o conhecimento (*gnose*) é o caminho da salvação; e as *Escolas Cristãs*, onde brilhavam Eusébio, Justino, Clemente e Orígenes, que preparavam o caminho da *Filosofia Patrística*, elaboração doutrinal do cristianismo.

Lá também floresceu a *Cabala* (*Qabbalah* ou *Kabbalah*), em grego *Diadoké*, que significa tradição, no sentido do que foi transmitido e recebido. É a tradição dos filhos de Set, que foi trazida da Caldéia por Abraão, reconhecida e justificada por Moisés, ensinada aos sacerdotes egípcios por José. É um sistema complexo, com fundamentos estabelecidos pelo segredo, das vinte e duas letras do alfabeto hebraico, as quais devem ser combinadas, para depois serem compreendidas, não só em seu sentido próprio, como numerológico. As Escrituras são interpretadas como variados jogos de palavras, tais como a *Gematria*, que estabelece o sentido através do valor das letras; o *Notarikon*, que forma palavras das primeiras ou últimas letras de outras palavras; e o *Temurah*, que muda a ordem das letras dentro de uma palavra, de modo que, por exemplo, *oneg*, que significa *prazer*, pode ser lida *nego*, que quer dizer *dor*, em hebraico. É a Ezra ben Salomon, de Gerona (1160-1238), que se deve a criação da Cabala, no sentido de comentário escrito dos ensinamentos esotéricos do **Torá (Pentateuco)**, até então transmitidos exclusivamente por via oral. A obra canônica por excelência da Cabala é o *Zoar* (termo encontrado em Daniel, 12.3: “Os que são esclarecidos resplandecerão como o resplendor (*zoar*) do firmamento”). O mundo dos *Sefiroth*, da revelação da unidade divina, que abrange os arquétipos de todos os seres, é um mundo de existência diversa, que se expande sem interrupção aos mundos secretos e visíveis da criação.

Também o *Pitagorismo* lá desenvolveu-se tomando um aspecto religioso. Seu fundador foi Pitágoras de Crotona, Itália. Adepto da metempsicose, ele afirmava ter a sua alma transmigrado pelos corpos de uma pavo, de um soldado, de uma cortesã, de um comerciante, etc. Consideravam-no matemático e músico. Atribuem-lhe a tábua de multiplicações (*Tábua de Pitágoras*), o teorema que demonstra que o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadro dos catetos, e outros teoremas. Em física estudou a vibração sonora das cordas musicais em relação ao seu comprimento. Pitágoras pretendeu explicar que todos os

seres eram constituídos de figuras geométricas, cujos espaços intermediários constituíam o vácuo que existia também além das esferas. Para ele, são as relações, as leis, e, principalmente, os números que nos levam ao conhecimento e explicam os fenômenos. E de tal forma exagerou o valor da relação numérica e geométrica, que foi ao absurdo de fixar uma determinada relação numérica aplicável não só aos seres concretos como aos abstratos. Exemplos: o casamento é 5, porque o homem é ímpar (3) e a mulher é par (2). A Justiça será representada por 4, porque faz pensar em dois fatores iguais; a amizade tem por símbolo 8, porque a harmonia acha a sua expressão perfeita na oitava, etc.

Dominados por essas correntes, porém mais esclarecidos, apareceram os neoplatônicos (*Neoplatonismo*), última manifestação da filosofia de Platão, no mundo antigo, que é uma vasta síntese helenística, onde se encontram elementos platônicos, aristotélicos, estoicos, pitagóricos, zoroastristas e hinduístas.

O fundador do Neoplatonismo foi Antonio Sacca, que não deixou nada escrito. O seu discípulo mais distinto foi Plotino, “o Buda do Ocidente”, e que passou por fundador. Porfírio e Jâmblico (que se dedicou à magia) pertencem a esta Escola, cuja preocupação era conciliar Platão e Aristóteles, tomando por base as idéias de *emanações*, tipicamente orientais, partindo da premissa de que existe uma só *Realidade* (Deus), e que essa *Realidade* é dinâmica, viva, espiritual, ao mesmo tempo, transcendente e imanente em todos os seres do universo (panteísmo). A *Realidade* é a causa intrínseca de todas as coisas, ou seja, o mundo foi criado não somente *por* Deus, mas também *de* Deus; ou seja, da substância divina, como o pensamento eflui da mente do pensador. É de se notar que Santo Agostinho, educado nesta filosofia, abandonou-a após sua conversão, passando a doutrinar que o mundo teria sido criado *por* Deus do nada (*creatio ex nihilo*). Pertenceram a esta Escola, Plutarco, Apuleio, Ovídio, entre outros.

Comenta o professor de filologia clássica, Luciano Cânfora, em seu livro *A Biblioteca Desaparecida* (São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 178) que a sobrevivência da Biblioteca de Alexandria, “num mundo afligido pela caducidade de seus livros, é atestada por traços constantes que se sucedem até praticamente o fim. Cerca de vinte anos depois da guerra de Alexandria, Estrabão visita e descreve o Museu. Meio

século mais tarde, o imperador Cláudio (41-54 d.C.), eruditíssimo antiquário, manda construir em Alexandria um novo Museu ao lado do antigo (Suetônio, **Vida de Cláudio**, 42). Quarenta anos depois, um péssimo sucessor seu, Domiciano (81-96 d.C.), envia uma comissão a Alexandria, com o encargo de trazer cópias dos tesouros livrescos da cidade.”

Sabe-se que existem ainda alguns documentos originais da Biblioteca de Alexandria, como um contrato particular (papiro Merton, 19), realizado em 173 d.C., na qual consta a assinatura de Valério Diodoro, que se qualifica como bibliotecário e membro do Museu.